

# Natureza e Graça

Textos referentes à pregação de São Josemaria sobre a família extraídos do livro “Como as mãos de Deus” de Antonio Vázquez

15/07/2022

Aprender a amar não é fácil, mesmo que esteja ao alcance de todos. No entanto, há um fato, embora não perceptível pelos sentidos, sobre o qual devemos ter certeza inabalável: pelo Batismo somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus. Com o homem elevado à

ordem sobrenatural, o casamento cristão torna-se um sinal eficaz da graça. O casamento entre batizados é um verdadeiro sacramento da Nova Aliança. *Para curar as feridas do pecado, homem e mulher precisam da ajuda dessa graça, que Deus, em sua infinita misericórdia, nunca negou. Sem esta ajuda, o homem e a mulher não podem realizar a união de suas vidas na ordem em que Deus os criou “no princípio”.*

Se muitas vezes nos esquecemos dessa realidade, podemos desanimar com as dificuldades; ter isso em mente na hora de avaliar nossas forças é uma garantia de sucesso no aprendizado do amor verdadeiro, que dura a vida toda. Não nos casamos apenas porque nos amamos, mas porque queremos amar-nos.

Não nos cansaremos de insistir que nunca seremos suficientemente especialistas na arte de amar. Sobre

nossa capacidade de amar, nunca sabemos tudo, nem podemos dizer “já chega”: sempre há recursos para colocar em jogo. Não basta ter capacidade e ser chamado para cumprir uma missão: temos duas pernas com capacidade para andar e só conseguimos passar de um lugar para outro depois de muitos meses e cair no chão muitas vezes. Somos capazes de falar, mas até os três anos não entendemos as palavras de uma criança. Para aprender a falar, precisamos ouvir as palavras e repeti-las de acordo com os sons que ouvíamos. Tivemos alguém que nos ensinou tudo isso, alguém a quem olhar como modelo, um testemunho vivo.

Este mesmo processo se repete para aprender a matéria do amor: de qualquer amor. O modelo genuíno deve ser encontrado, o mais perfeito, aquele que brota do primeiro manancial. Não podemos contentar-

nos com menos. Em suma, temos um único Modelo: o Amor de Deus Pai em seu Filho Jesus Cristo. Tal empreendimento pode parecer inatingível para nós, e realmente é, mas duas considerações devem ser acrescentadas: esse modelo deve ser colocado dentro dos limites da condição humana e, além disso, temos a garantia da graça para passar na prova. Em última análise, o compromisso de Deus é nos ensinar a amar com Seu Amor e para isso Ele nos concede uma abundância de graças através de vários canais.

Uma vez encontrado o Modelo, é preciso olhara para Ele em contínua comparação com a nossa própria conduta. Olhar para Jesus Cristo e examinar a nós mesmos. Ver se amamos como Ele ama. Haverá uma imensa distância que só encurtaremos ao nos aproximarmos da sua graça transformadora, até nos tornarmos um dos “seus”. É uma

tarefa para a vida inteira. Uma iniciativa tão atraente que não tem comparação com nenhuma outra.

Agora está claro que, quando acima descrevíamos o amor no casamento e na família como uma “aventura”, não estávamos exagerando. Uma aventura apaixonante. ***Seguir Cristo: este é o segredo***, repetia São Josemaria, sem limitar situações de idade, estado, cultura, saúde ou sexo. ***Jesus, nosso Senhor e Modelo, crescendo e vivendo como um de nós, revela-nos que a existência humana - a nossa-, as ocupações atuais e cotidianas, têm um sentido divino, de eternidade.*** Esse sentido divino está em aspectos tão comuns quanto chegar em casa meia hora antes, adiantar-se a atender o telefone, sabendo que não somos os destinatários da chamada, ou contar uma história para um filho até que ele adormeça enquanto a TV transmite as notícias. Porque Jesus é

modelo de tudo: na delicadeza do relacionamento, na elegância ao aceitar um convite, na preocupação pelo descanso dos outros, mestre de carinho e energia; e, é claro, em medida e conhecimento para “atingir o coração” de homens, mulheres e crianças. Não nos foi dado outro modelo: um modelo que continua vivo.

Os fatos e ensinamentos contidos em cada gesto de Jesus Cristo, aplicados ao tecido do amor na família, ultrapassam em muito o alcance destas páginas e seria um maltrato fazer uma leve alusão. Cada um dos esposos deve ponderar, em contraste com esse modelo divino, as luzes e as sombras do seu comportamento cotidiano. Porque, como recorda o Fundador do Opus Dei numa homilia dedicada ao matrimônio, ***Deus amou-nos e convida-nos a amá-lo e amar aos outros com a verdade e***

*autenticidade com que Ele nos ama.*

É uma abordagem pouco comum, mas não significa que deixe de ser a verdadeira. É muito difícil não nos deixarmos enganar pelas falsificações baratas do amor, e muito fácil ficar reduzidos a um amor plano e banal que entorpece a vida, se falta, em nossa cabeça e coração, a referência autêntica da sua verdadeira envergadura. O fenômeno não é novo, os romanos já faziam assim e por isso São Paulo os advertia: *não se conformem com este mundo, mas, ao contrário, transformem-se por uma renovação da mente, para que possam discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito.* Quando no capítulo anterior apontamos muito brevemente a necessidade da oração para compreender e viver plenamente a vida familiar, referíamo-nos, entre outras coisas, à

urgência de renovar a mente para purificá-la de clichês que tantas vezes são a escória dos amores que nunca foram amores.

É preciso romper com *velhos esquemas*, desvincular-se de *modelos obsoletos*, por muito generalizados que pareçam. Ainda há um longo caminho a percorrer para que o amor no casamento alcance o patamar que é chamado a assumir. Como comentava Chesterton, os *grandes ideais não falharam porque foram superados, mas porque não foram suficientemente vividos*. Porque, em última análise, as coisas que Deus coloca em nossas mãos nunca se tornam belas o suficiente para responder à vontade divina. Esta constante referência à origem do amor pode ajudar-nos a colocar as coisas no seu lugar e na sua verdadeira dimensão: o amor não é um deus, mas um dom de Deus. Idolatrar o amor é confundir a

estação de destino, pois somente Deus está em sua gênese e tem o direito de regulá-lo.

Julia Kitchen

---

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/natureza-e-graca/> (31/01/2026)